

ENSAIO SOBRE A PAISAGEM E O TURISMO: UMA VIAGEM ALÉM DAS DISCIPLINAS

ESSAY ON THE LANDSCAPE AND TOURISM: A JOURNEY BEYOND THE DISCIPLINES

Vanesa Rios Milagres

Turismóloga. Doutoranda em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (UNB). Professora Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO/ Campus de Palmas).

Lucas Barbosa e Souza

Geógrafo. Doutor em Geografia (UNESP/Campus de Rio Claro). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

RESUMO: Este artigo foi elaborado com a finalidade de destacar a importância da abordagem transdisciplinar no processo de seleção de categorias de análise para estudos de campo em turismo. Para alcançar essa finalidade, discutiu-se de forma conceitual e teórica o termo paisagem e sua relação com o espaço, a percepção e o turismo. Buscou-se romper o caráter aparentemente estanque de cada um e, também, destacar que aquilo que está ao mesmo tempo entre, através e além de qualquer disciplina permite uma interface dinâmica de análise das interferências que o homem imprime em seu meio.

Palavras-chave: espaço; paisagem; percepção; turismo.

ABSTRACT: *This article was developed with the purpose of to point the importance of beyond the subject (transdisciplinary) approach in the selection of categories of analysis for field studies in tourism. To achieve this purpose were discussed from a conceptual and theoretical term landscape and its relationship with space, perception and tourism. We tried to break the seemingly impervious character of each, and also highlight what is at the same time among, through and beyond any course allows a dynamic interface for analyzing interference that prints the man in their environment.*

Keywords: *space; landscape; perception; tourism.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com a finalidade de destacar a importância do diálogo interdisciplinar sobre os termos espaço, paisagem, percepção e turismo através do exercício de comparação, observação, classificação, interpretação, crítica, suposição, imaginação, criação de hipótese e decisão como operações não só do pensamento, mas do pensamento transdisciplinar. Para alcançar essa finalidade, perpassamos por um conjunto complexo de percepções, reações e respostas diferentes para cada indivíduo, em cada período da história, em vieses que nos foram possíveis acessar.

Abordamos a questão da paisagem como sendo o aspecto visível e concreto do espaço geográfico e do próprio espaço humano em perspectiva, onde coexistem os elementos naturais e os culturais produzidos pelo homem, que a conserva ou transforma, mas que só ele tem a capacidade de percebê-la em todos os seus tempos pregressos. A paisagem percebida envolve o sentir, pensar e agir do homem sobre o ambiente natural coexistindo com o ambiente cultural criado por ele, transformando, integrando e interagindo

todos os elementos através dos tempos de sua existência, pois se refere a uma relação entre a paisagem que é percebida e a abordagem cultural que damos a ela.

Essa percepção se materializa através do contato que o homem com a paisagem, seja através de estímulos externos, captados pelos órgãos dos sentidos, ou através de processos internos que adquirem, selecionam, organizam e interpretam as informações recebidas. O homem, por sua capacidade de perceber o que está ao seu redor é um ser transcendental. Ou seja, a percepção é um processo seletivo e intencional e nesse sentido, a paisagem pode ser transformada em objeto de consumo pelo e para o homem.

Assim se estabelece a relação paisagem e turismo, já que ele, o turismo, é uma atividade eminentemente social, produto das ações e desejos do homem que transforma as paisagens em produtos que são mercantilizados e que envolvem diversos elementos essenciais à sua existência, como os recursos naturais e culturais, os equipamentos e serviços e a infraestrutura de apoio. Esse conjunto de atividades do turismo são produzidos e consumidos *in loco* de forma simultânea, desencadeando uma série de efeitos tanto positivos quanto negativos no local onde ele acontece, transformando suas paisagens. É um agente transformador da sociedade e das paisagens com relação ao uso dos recursos naturais, culturais e financeiros, à interação entre a comunidade local e os turistas e ao compartilhamento da infraestrutura e dos equipamentos e serviços.

Por isso, a elaboração deste ensaio se justifica pela importância da paisagem enquanto categoria de análise física, biológica e cultural, por ser ela a materialização de um instante da sociedade, por se perceber nela as interferências materiais e imateriais, por ser ela o resultado da relação entre a sociedade e a natureza.

ESPAÇO E PAISAGEM

Segundo a abertura da Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, resultado da reunião realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), na capital sueca, em junho de 1972, o homem é ao mesmo tempo criatura e criador do meio ambiente que lhe dá sustento físico e que lhe oferece a oportunidade de desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. A longa e difícil evolução da espécie humana no planeta levou-a a um estágio em que, com o rápido progresso da ciência e da tecnologia, conquistou o poder de transformar de inúmeras maneiras e em escalas sem precedentes o meio ambiente.

Estivemos e estamos rodeados o tempo todo pelo que Bley (2006) define como objetos que não foram feitos por nós e que possuem vida e estrutura diferentes da nossa,

acrescentando também os objetos que são, então, criação do homem no decorrer do tempo. Isto quer dizer que mesmo apesar de a presença da humanidade na Terra representar um acontecimento muito recente em comparação à história do nosso planeta, as modificações que ela imprimiu e continua a imprimir nele são enormes e atingem praticamente todo o globo.

Os impactos antrópicos sobre o meio ambiente se iniciaram logo com os primeiros humanos, que passaram gradativamente a dominar o fogo e a se sedentarizar. Em sua luta pela sobrevivência, a humanidade produziu e aperfeiçoou instrumentos, aumentando o seu poder sobre a natureza e, conseqüentemente, o de produção e transformação do espaço.

Sendo assim, o espaço, segundo Santos (1997), está no centro das preocupações dos mais variados profissionais, pois esses acontecimentos e modificações no planeta aconteceram e acontecem no que pode ser compreendido por meio de quatro categorias de análise: processo, estrutura, função e forma; elementos que compõem o próprio espaço. Entretanto, esses elementos ou categorias de análise, estão em constante processo de mudança no decorrer do tempo, “[...] sua evolução é qualitativa e quantitativamente diferente para cada uma delas e também para cada um de seus componentes” (SANTOS, 1992, p. 58).

Acontecimentos diversos na história da humanidade ocasionaram essas mudanças e foram importantes para o aumento do domínio do homem sobre a natureza, como o desenvolvimento da agricultura, do pastoreio, da navegação, do comércio, da ciência e da indústria e não podemos deixar de citar, o crescimento populacional. O século XX trouxe grandes possibilidades para os seres humanos, colocando à sua disposição meios técnico-científicos e permitindo intervenções na natureza em nível planetário. Analisando o espaço, segundo as categorias de Santos (1997), torna-se possível compreender a constituição e as mudanças empreendidas sobre o espaço, por meio da ação do homem. Todavia, precisamos aprofundar um pouco mais nosso entendimento sobre o que são essas categorias.

O aspecto visível que é percebido, a forma, é um conjunto de objetos relativamente duráveis, fruto da materialização de circunstâncias existentes num dado momento histórico, congelada no tempo, como uma fotografia. Entretanto, as formas vão se sobrepondo no espaço, criando diferentes paisagens em diferentes tempos materializados que convivem no presente. É nesse ponto de vista mais amplo que Santos (1997) destaca o conjunto das formas como aparentemente ‘congelado’, pois em sua essência são dinâmicas.

Esses aspectos visíveis do espaço geográfico, que metaforicamente chamamos de 'fotografia', tornam-se extremamente relevantes quando a sociedade lhes confere um valor social. No espaço, se um objeto construído chegou a se concretizar, é porque já é relevante para um determinado grupo social, senão sequer existiria. Já os objetos da natureza, ou seja, que não foram feitos por nós, são dados preexistentes e a forma ou a paisagem composta por eles também são modificados em graus variados (SANTOS, 1992). Ora, se a forma em sua essência é dinâmica, ela possui uma função no espaço em que se encontra, e essa função nos sugere uma tarefa ou atividade esperada dessa forma, como resposta às necessidades da sociedade. Se a sociedade estabelece os valores de diferentes objetos, esses variam segundo a estrutura dessa mesma sociedade e as formas podem envelhecer segundo inadequação física ou social. Esse envelhecimento físico da forma, segundo Santos (1997), seria previsível pela durabilidade dos materiais uma vez que o envelhecimento moral não seria tão previsível, mudaria "de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural" (SANTOS, 1997, p. 70).

O espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação e que impõe sua própria realidade, por isso a sociedade não pode operar fora dele. Sempre que a sociedade (a totalidade social) sofre uma mudança, as formas assumem novas funções, ou seja, com a mudança – que é o desenrolar do tempo histórico – haverá novas configurações sociais, econômicas e culturais que levarão à construção de novas formas e a uma readequação das funções existentes para as formas antigas e atuais.

O processo desse movimento das formas e funções é considerado como uma ação contínua que implica conceitos de tempo histórico; ou seja, de continuidade e de mudança, que justificam a criação de novos, e o uso de velhos objetos (SANTOS, 1992). Todas as partes, desse todo, evocam componentes ecosocioambientais que retratam uma época. A inter-relação entre as formas, as funções e seus componentes se organizam num arcabouço que chamamos de estrutura, outra categoria de análise do espaço.

A produção desse movimento, aparentemente congelado do espaço se impõe, invariavelmente, com certo ritmo e os períodos históricos transformam essa organização espacial (SANTOS, 1992), em consonância com as mudanças na estrutura:

Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes, graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Quando se constroem prédios de quarenta, em lugar de vinte ou trinta e dois andares, é via de regra, sinal de que outros também poderão ser construídos, de que temos atividades e gente para enchê-los, e justificar a sua construção. [...] Alteração de velhas formas para adequação às novas funções são também uma mudança estrutural. (SANTOS, 1997, p. 69-70)

Tendo então, como base, os estudos de Santos, fica claro que para compreendermos as ações do homem no meio ambiente e as consequências dessas ações, precisamos antes abarcar as categorias de análise do espaço, que desenvolvemos acima: forma, função, processo e estrutura, como um conjunto de elementos que nos permitiria entender “a história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade” (SANTOS, 1992, p. 49) e os efeitos construídos pela mesma. Porém, dependendo da relação que o homem estabelece com a natureza e também das relações sociais – sobretudo relações de ordem material – surgem circunstâncias diferentes que implicarão em transformações de ordem espacial e que podem ser traduzidas em diferentes tipos de paisagens.

Assim sendo, o espaço seria, então, a paisagem acrescida da sociedade que a anima e que lhe ocasiona transformações, à medida que as relações sociais se modificam e é por meio dos objetos da paisagem que a sociedade se materializa e se torna concreta. “Tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos” (SANTOS, 1997, p. 61). Logo, paisagem e espaço, para Santos, não são sinônimos, “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, experimenta as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2004, p. 103), ela se dá como um conjunto de objetos real concretos, e nesse sentido vai além do tempo, juntando objetos passados e presentes numa construção transversal. Portanto, podemos dizer que a paisagem é o resultado cumulativo dos processos e das estruturas sociais decorrentes no âmbito da sociedade.

É essa relação que queremos esclarecer, pois a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, do que chega aos sentidos. Devemos nos perguntar “como o espaço está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças (?)” (SANTOS, 1992, p. 53). Assim, torna-se possível compreendermos a organização da paisagem que é formada pelos fatos do passado e do presente, através de uma acurada interpretação do processo dialético entre estruturas, funções e formas através do tempo.

A sociedade sempre se movimenta, mas a mudança ocorre em diferentes níveis e em diferentes tempos: na economia, na política, nas relações sociais, na própria paisagem e na cultura, que mudam constantemente, cada qual segundo uma velocidade e direção próprias – sempre, porém, insensíveis, inflexíveis e implacavelmente vinculadas às outras (SANTOS, 1992, p. 53). No espaço, a forma é governada pelo presente, mas seu passado continua a ser parte integrante, podendo abranger ou não mais de uma função. É o resultado de processos passados ocorridos na estrutura subjacente. Ao refletirmos os

diferentes tipos de estrutura, encontraremos as diferentes formas reveladas – naturais modificadas e puramente artificiais, sujeitas à evolução. Ela é primariamente um resultado e também um fator social (SANTOS, 1992, p. 51-55).

O espaço, assim como a paisagem, é uma categoria fundamental do conhecimento geográfico, sendo o espaço mais geral que a categoria paisagem, no entanto a paisagem não é o espaço, ela está contida no mesmo (SANTOS, 1997). Como isso acontece: “a paisagem consiste em camadas de forma provenientes de seus tempos pregressos, embora estes apareçam integrados ao sistema social presente, pelas funções e valores que podem ter sofrido mudanças drásticas” (SANTOS, 1992, p. 55). A paisagem representaria, segundo Santos (2004), um momento da história, a materialização de um instante da sociedade; mas ele também afirma que, ainda sim, ela faz parte da história viva da sociedade.

Desse modo, a paisagem “existe através de suas formas, criadas em momentos históricos, porém coexistindo no momento atual [...]. Numa perspectiva lógica, a paisagem é já o espaço humano em perspectiva” (SANTOS, 2004, p. 104-106), representado num plano tal qual se apresenta à vista e cujo único elemento de unidade é o homem que a percebe. Com base nisso precisamos distinguir a *paisagem que é percebida do espaço significativo de um fenômeno*, ou seja, a expressão de um fato.

É importante destacarmos que a paisagem percebida expressa um fato que traz consigo um emaranhado de tempos pregressos e que estudar essa categoria considerada como elemento geográfico requer atenção à compreensão e apreensão do todo, deixando claro o seu caráter interdisciplinar. Em sua configuração, os componentes nem são estáticos nem limitados em seu crescimento, “o fator primário de qualquer situação só pode ser revelado após um exame cuidadoso da totalidade” (SANTOS, 1992). Podemos entender, totalidade, como o conjunto das partes que constituem um todo, elementos fundamentais para o conhecimento e análise da realidade. Mas o mais interessante é que as partes não são suficientes para explicar 'o' todo, e sim 'um' todo, pois estão relacionadas com sua realidade.

Para Santos (2004), o processo de totalização é reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes.

Se estivermos viajando de avião, a uma altitude não muito elevada, teremos uma ampla visão da porção do espaço geográfico que estamos sobrevoando. Em uma região muito transformada pelo homem, poderemos perceber, entre outras coisas, campos cultivados, pastagens, cidades grandes, médias ou pequenas, ligadas por uma rede de rodovias e ferrovias. Todas essas realizações humanas ocupam as mais variadas formas de relevo, cortadas por rios e lagos. Se viajarmos por meios de transporte rodoviários ou ferroviários, teremos uma visão mais próxima,

porém mais restrita, desses mesmos elementos. A essa representação do espaço geográfico que podemos ver ou perceber chamamos paisagem. (ALMEIDA & RIGOLIN, 2005)

A representação do que percebemos das relações que ocorrem no espaço geográfico está sempre em transformação, o aspecto visível dessa transformação se apresenta a nós como paisagens, extremamente relacionadas com a questão da temporalidade. Por esse motivo, “[...] a noção de tempo é fundamental para o estudo e a análise das paisagens que encontramos” (ALMEIDA & RIGOLIN, 2005). Observada, ocasionalmente, durante uma viagem, a paisagem pode nos parecer um simples amontoado de elementos geográficos desordenados; mas é naquele determinado lugar, o resultado da combinação dinâmica – portanto, em movimento – de elementos físicos, biológicos e humanos que, reagindo uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e inseparável, em perpétua evolução. Se a representação é interdisciplinar, a paisagem, fruto dela, também o é.

Para Egler (2002), a observação da paisagem é resultado de uma complexa composição de elementos naturais e sociais em constante relação uns com os outros e, quando atenta, pode ajudar a compreender melhor o mundo. Observá-la e interpretá-la é o ponto de partida para desvendar os segredos das relações entre sociedade e natureza. Contendo elementos naturais e artificiais, ela nos permite um exercício constante de percepção do ambiente, seja de forma presencial ou por meio de imagens e informações que recebemos a respeito dos lugares. De um modo simples, a paisagem é a “ação (sufixo *agem*) sobre uma localidade (prefixo *pais*) e essa ação seria a ação humana” (NUCCI, 2007). Ela contém uma característica fundamental que a torna ponto de partida para a interpretação do meio: a paisagem é acessível aos órgãos dos sentidos dos seres humanos.

Necessário se faz conhecer e reconhecer a paisagem como indicadora de conteúdo vivo e de processos que são dinâmicos, em constante transformação. Para Egler (2002), olhar e pensar sobre o que está presente em cada rua de sua cidade, em cada campo plantado, em cada montanha ou floresta podem ajudar a compreender como natureza e sociedade combinam-se para moldar as diferentes formas que existem na superfície da Terra.

Sua interpretação é a procura da explicação de como as formas que observamos são o resultado visível da combinação dos processos econômico-socio-ambientais. Uma vez tomada por “[...] intermédio de uma visão científica, a paisagem ganha uma abordagem com características próprias de um método de pesquisa” (EGLER, 2002), pois nela encontram-se registradas a história dos indivíduos e dos grupos, a cultura, as diferentes formas de produção, além das características naturais que lhe são peculiares.

Afirmamos anteriormente, com base em Santos, que a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, é a extensão do que chega aos sentidos, sendo um processo de apreensão inquietante de tomar o que muitas vezes não é permitido possuir. Mas ela não é ainda o conhecimento, depende da interpretação que se faz da mesma, e esta “será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência” (SANTOS, 1997). Pode ser descrita como uma fotografia de elementos naturais, artificiais, técnicos e tecnológicos registrados num dado momento do tempo, da história e da vida de cada ser humano, fadada a ser vista e abarcada pelo olhar de outros em tempos e espaços diferentes daqueles que a originou.

No entanto, a paisagem capturada numa fotografia não corresponde à paisagem capturada pelo olhar do homem, em seu cotidiano. “A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 1997). Desvendar essa dinâmica social é fundamental, pois ela nos retorna todo um conjunto histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis.

É preciso que a paisagem seja conhecida, reconhecida, compreendida, analisada, interpretada e justificada numa perspectiva de conjunto, pois seus usos e modificações causam repercussões mútuas no processo, nas estruturas, nas formas e nas funções que compõem o espaço no qual a sociedade coabita. Nesse sentido, sua análise pode ser também uma importante ferramenta de auxílio nos processos de planejamento e de desenvolvimento de atividades econômicas, sociais e culturais, como o turismo.

PAISAGEM PERCEBIDA E ABORDAGEM CULTURAL

A paisagem é um fenômeno que está além das fronteiras da disciplina geográfica, assumindo seu caráter interdisciplinar, no entanto foram os geógrafos quem mais a estudaram (HOLZER, 1999). Ela surgiu como possibilidade de representação sob variadas formas: artística, memoriais descritivos religiosos, ilustrações cartográficas, cruzadas, registros pictóricos e narrativos, relatos de viajantes, científica naturalista e cultural (GOMES, 2001). Sua abordagem surgiu da necessidade de se estudar as relações entre a sociedade e a natureza, o homem e o ambiente, funcionando então como importante exercício de reflexão dessas relações. O uso de categorias de outras ciências evidencia o seu caráter interdisciplinar.

Ao longo da história da espécie humana, convivemos com todo o planeta e habitamos praticamente todos os seus cenários naturais e, a partir de certo momento, começamos a transformar os objetos e os cenários do meio ambiente para adaptá-los às nossas necessidades. Mas 'nós' não interagimos 'naturalmente' com a natureza, 'nós' desenvolvemos uma maneira de sentir e de pensar que é reflexa e é também reflexiva ao mesmo tempo. Tratar dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas e intelectuais, transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade através de paisagens percebidas, é uma forma de refletir sobre os pontos de vista da natureza e da sociedade enquanto sua dependente e sobre a compreensão da natureza como projeção cultural (GOMES, 2001).

Ao abordarmos culturalmente a paisagem percebida, o fazemos numa tentativa de compreender que o socializar a natureza envolve o nosso sentir, pensar e agir sobre o mundo natural, de modo a transformá-lo para fazê-lo integrar-se no e interagir com um dos muitos mundos de cultura construídos pela sociedade. "A paisagem reflete o equilíbrio ecológico ou atesta seu desequilíbrio, [...] ela pode representar um fator de estímulo à conservação do entorno ou a um alerta contra a sua degradação" (EMÍDIO, 2006, p. 21). A cultura já modificou muito as formas naturais, porém a natureza continua a exercer certas influências, mesmo nas paisagens alteradas pelo homem. Natureza, cultura e paisagem são representações do mundo e das relações dos homens entre si e com a natureza. Através dessas relações os homens 'desenham' paisagens segundo o seu modo de ver e de sentir o mundo, segundo suas interpretações e representações, através de símbolos, palavras ou imagens.

Nossa atenção concentra-se na paisagem, que chegou a significar um panorama visto de um determinado ponto, depois a representação desse panorama, pano de fundo de retratos oficiais (TUAN, 1980) e hoje, a partir de um ponto disciplinar nos permite abordagens interdisciplinares. Desde a sensibilidade artística aos diferentes interesses econômicos e políticos de classes dominantes, da sabedoria do homem comum e da busca da precisão científica, um longo arco de possibilidades enriqueceu e enriquece a trama de representação dessas relações entre natureza e cultura (GOMES, 2001), entre a paisagem natural e a paisagem construída.

Historicamente, a evolução do termo/significado da paisagem foi alterada de modos sucessivos: no ocidente medieval ela não existia como representação; a partir do século XVI emerge das novas técnicas de pintura e se expande para a literatura; no século XVII há a aparição da janela no interior do quadro, permitindo que a perspectiva isolasse o exterior; no século XVIII o impressionismo amplia este quadro e a subjetividade ganha maior representação sendo, portanto, sinônimo de pintura até o século XIX; a partir do século XIX

sua concepção recebe “[...] influências do racionalismo positivista, de um lado, e do idealismo e do romantismo, de outro” (LUCHIARI, 2001, p. 15) gerando conflitos entre objetividade e subjetividade.

O processo de produção da paisagem apresenta períodos claros de transformação e o resgate de suas representações pelo homem é importante para compreendermos melhor como essa categoria interdisciplinar sempre esteve presente no cotidiano do homem e das suas relações. Com base em Emídio (2006), Camargo (2005) e Leite (1992), apresentamos um quadro referencial desses períodos e suas representações da paisagem:

- **Antiguidade:** As civilizações do mundo antigo firmaram, com o ambiente, laços de adaptação e sobrevivência, em uma área claramente definida, onde se desenvolvia a vida das pessoas, um conjunto fechado para o mundo exterior de certa forma. No entanto, na civilização grega antiga, as paisagens apresentavam qualidades estéticas e visuais sendo que, por meio da(s) qual(is) os sentidos eram estimulados a assimilar o máximo de qualidades visuais, sonoras e olfativas.

- **Idade Média:** A paisagem tinha como característica comum o espaço fechado, íntimo, emparedado, fortemente defendido contra o mundo exterior. A relação homem-natureza passa a ser mais contemplativa e meditativa, distanciando o homem da natureza, sendo esta lembrada nos pequenos jardins dos claustros.

- **Renascimento:** A paisagem era uma composição simples, harmoniosa e com unidade, resgatando as paisagens romanas e gregas com suas alamedas margeadas de ciprestes e espelhos d’água, cujo conjunto demonstrava o entendimento dos fatos físicos e intelectuais, resultando numa inspirada combinação de conceito de lugar. Mas há uma divisão bem definida entre a paisagem ao redor do palácio e a paisagem a ser contemplada de um terraço.

- **Barroco:** A paisagem era visualmente limitada pela floresta circundante, voltava-se para o fantástico e teatral, como se fosse concebida para que as pessoas fossem os atores de um drama. O mundo é ordenado segundo um cenário panorâmico e profundo que manifesta o poder humano e a realeza.

- **Neoclassicismo:** A paisagem era baseada nos padrões clássicos da antiguidade greco-romana: equilíbrio, clareza e proporção eram seus elementos essenciais, pois a natureza era apresentada ao olhar de forma regular, simétrica e dominada pelo homem.

- Romantismo: A paisagem passa a ser compreendida segundo a idéia de que a beleza também estava nas paisagens selvagens, era um desejo excessivo de se afastar do formalismo racional imposto no período neoclássico.
- Século XIX: A paisagem passa a ser compreendida como uma criação de suma importância para a vida das pessoas, e a natureza a ser considerada como modelo ideal, marcando o período humanista. Representa também a nova ordem social que se instaura, a divisão do trabalho e o sistema de produção.
- Século XX: A paisagem passa a ser descoberta através da relação entre o indivíduo e o ambiente, o enfoque é funcional, empático e artístico, a organização social e a vida cotidiana estavam ultrapassadas, sendo necessário deixá-las de lado e criar uma nova cultura.
- Século XXI: Ainda em curso, podemos dizer que até o momento, a paisagem é tratada com distinção no aspecto natural, sugerindo um desenho que respeite, relacione e valorize as condições ambientais e as interferências do homem.

Na verdade, a paisagem está presente aos nossos olhos e sentidos desde que começamos a ver o mundo nas suas cores e formas, desde que começamos a percebê-lo pelos cheiros e volumes, desde que começamos a senti-lo como parte de nossas vidas. Seja de forma objetiva e prática, ou de forma pessoal e subjetiva, a paisagem se faz presente diante daqueles que param para observá-la. No primeiro caso, busca-se conhecer o que é factual, concreto e útil na paisagem, enquanto no segundo deseja-se tomar a essência, o sentido e a idéia da mesma.

Ainda no início do século XX, conforme Melo (2001), a paisagem foi um dos primeiros temas a serem abordados numa perspectiva cultural pelos geógrafos alemães, sendo posteriormente incorporado pela geografia cultural. Nos anos 1920, *Carl Orteín Sauer*, da Escola de Berkeley, privilegiou a análise morfológica da paisagem considerando apenas os aspectos materiais da cultura, o que perdurou até a década de 1940. “O olhar que veria a paisagem como representação simbólica da sociedade ainda não havia sido constituído” (LUCHIARI, 2001, p. 16).

Nas décadas de 1950 e 1960, o sistema de interpretação das paisagens foi alterado, deixando de levar em consideração apenas elementos locais e regionais. Passou a considerar uma série de signos que remetem a fluxos em conexão com o mundo, consequência das inovações técnicas, da evolução dos transportes, da aceleração da circulação dos homens, das informações e das mercadorias. A partir de 1970, a abordagem da paisagem toma como base filosófica a fenomenologia e o existencialismo e na década de 1980 é a paisagem simbólica que passa a ter destaque (MELO, 2001).

De fato, a paisagem está diante de nós ainda que estejamos de olhos fechados, pois ela permanece como memória no nosso inconsciente e nossa imaginação nos faz projetá-la segundo os símbolos que escolhemos ou aos quais estamos submetidos. Ela pode refletir uma visão subjetiva do mundo e interpretar a realidade de forma idealizada, substituindo algo que nos seja abstrato ou esteja ausente, pois vemos tanto no sentido fenomenal quanto relacional. Segundo Hoffman (2000), quando vemos no sentido fenomenal, vemos o modo como as coisas nos parecem, o modo como se apresentam visualmente a nós, o modo como as experimentamos visualmente; e quando vemos no sentido relacional significa com o que interagimos quando olhamos algo.

Devemos considerar, no entanto, que antes de ser paisagem, a imagem diante de nós pode ser vista também, segundo três direções, às vezes próximas e semelhantes, mas com sutis diferenças: o panorama, o cenário e a paisagem propriamente dita. Panorama vem do grego *pan*, que significa tudo, geral e *orama* significa vista, ou seja, o que é possível ver até os limites do horizonte. Cenário vem do italiano *scenario*, definido como o conjunto de vistas apropriadas aos fatos representados. Paisagem, por sua natureza compreende não só os lugares, mas de certa forma, também os estilos de vida (EMÍDIO, 2006).

Essa diferenciação se faz necessária, pelo às vezes confuso uso dos termos como sinônimos no senso comum, porém aos olhos do pesquisador deve ficar claro que cada termo tem o seu significado, que cada palavra, cada elemento, abarca signos muitas vezes não percebidos direta e claramente. Como um dos objetos de estudo da geografia, a análise da paisagem passou dos seus elementos constitutivos e diferenciadores, ao reconhecimento das atitudes e preferências que podiam ser inventadas ou adquiridas, além da sua avaliação a partir de atributos visuais (HOLZER, 1999).

Ao longo da história, a paisagem foi assumindo vários significados, sendo usada com as mais variadas conotações. Rapidamente pode ser reconhecida uma série ampla desse entendimento: 1. Representação na arte por meio de um quadro de uma parcela da Terra; 2. Impressão dos sentidos sobre o meio ambiente da Terra; 3. Formas externas de surgimento de fenômenos de uma parcela da superfície da Terra; 4. Condição, propriedade natural de uma região; 5. Marcas culturais de uma região; 6. Características genéricas de uma parcela da Terra; 7. Espaço delimitado; 8. Corporação político legal ou organização; 9. Área ou expansão de uma determinada categoria de objeto que constitui sequências topológicas. (GOMES, 2001, p. 61-62)

Nesse sentido, encontramos diferentes formas e abordagens de estudo das paisagens. Na França do começo do século, por exemplo, a dimensão ecológica, naturalista, servia primeiramente para mostrar como os grupos se adaptavam ao ambiente. *Vidal de la Blache*, ao contrário, procurava destacar que a força do hábito torna-se tão forte que o grupo

humano perde sua característica de adaptação, procurando modificar o meio ao invés de adaptá-lo, permanecendo assim com seus hábitos. A paisagem foi estudada também por *Pierre Deffontaines*, através da religião e das marcas que esta imprime nas paisagens, como os santuários e templos, pelos óbices que ela impõe a certos costumes e pelos que ela faz nascer. Sabemos que as religiões são repletas de símbolos que mudam os comportamentos do homem diante dos objetos que o cerca, inanimados ou não. Com *Jean Brunhes*, a paisagem se apresenta pela harmonia profunda observada, às vezes entre a organização do espaço, os seus traços visíveis e também a alma do povo que a modelou. Para *James Duncan*, “[...] a paisagem pode ser lida como um texto” (CLAVAL, 1997. p. 102), como se lêssemos uma poesia ou versos líricos, épicos, dramáticos, satíricos, narrativos; ou então, uma prosa narrativa, oratória, dramática, didática, epistolar, polêmica. Paisagem vista como palavras próprias de um autor; citadas para demonstrar suas idéias, conceitos, sentimentos, apelos e imagens imateriais, que as palavras normalmente transmitem da mente do escritor à do observador. A paisagem é também um veículo de idéias e de sentimentos. Através de *Augustin Berque*, podemos abordar a paisagem como tentativa de compreender os sentidos que os grupos dão ao seu ambiente, “suas análises tratam do par homem/meio e sobre as paisagens onde ele se manifesta” (CLAVAL, 1997. p. 103). É preciso, pois, perguntar como o homem percebe a paisagem, a fim de compreender sua relação com o ambiente.

Para expressarmos emoções positivas ou negativas em relação ao que está a nossa volta, fazemos uso da visão, da paisagem e de seus elementos. Estes constituem o objeto da apreensão por intermédio dos sentidos, o homem apreende o mundo através dos seus sentidos. Os movimentos do nosso corpo constituem uma experiência direta do espaço, agindo primeiramente em função das indicações que recebe desses sentidos percebidos. Assim, não há como retirar o aspecto perceptivo do homem acerca da paisagem que o rodeia e de todos os objetos que nela se fazem presentes, pois ela é vista e construída através dele próprio.

Essas sensações são apreensões do real, mas só se tornam seguras quando assumem uma forma estável, selecionada conforme sua significância. Isto ocorre quando se superpõe à sensação uma percepção. “A percepção é, portanto, um aspecto a ser incorporado ao conceito de paisagem que acaba se revelando diferentemente a cada observador, segundo o grau de interesse existente” (EMÍDIO, 2006, p. 57).

Mas, a paisagem percebida também esconde muitas outras realidades que não podem ser percebidas pelo simples olhar, está ligada a um universo cultural que ultrapassa os meros horizontes físicos do mundo natural, são os povos, os costumes, as atrações e repulsas, os modos de ser e muito mais, é uma realidade sempre presente no espírito humano e onipresente na realidade ambiental.

Os homens, ao abrirem os olhos, se defrontam com imagens que os sensibilizam e fazem perceber formas, cores e texturas, interpretam essas imagens através de suas personalidades e de suas bagagens culturais, e também ouvem falar de lugares que são capazes de descrever ou abordar antes mesmo de os pisarem. Para Emídio (2006), a visão da paisagem é uma constante descoberta, de modo que seu olhar não é mais perfeitamente novo e sua experiência, segundo Claval (1997), é guiada por aquilo que eles aprenderam ao escutarem as pessoas em torno deles e discutindo com elas.

Podemos dizer, então, que agimos não em função do real, mas da imagem que fazemos dele. “A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente” (GOMES, 2001, p. 56). O olhar que projetamos sobre o ambiente nos permite estruturar o espaço, de opor o próximo ao distante, de distinguir escalas e perceber a realidade nessas múltiplas escalas, mas nosso olhar não é um instrumento neutro, ele participa das experiências que temos dos lugares e das emoções que eles nos fazem sentir.

Diversamente de outros espaços codificados de forma mais rígida, a paisagem é um espaço plástico, apta a ser configurada por cada percepção individual que, por sua vez, pode vir a enriquecer, se for o caso as representações coletivas [...] ela pode ser a oportunidade de uma criação permanente de significações ou de uma repetição indefinida de estereótipos (COLLOT, 1990, p. 32).

Reafirmamos que a paisagem é a porção visível do espaço, a partir da qual ele pode ser estudado, discutido, interpretado ou analisado. Contudo, ela possui identidade visual passada e/ou presente, sendo necessário conferir ao seu conceito considerações sobre ecossistemas, ações antrópicas, tempo, mutação, evolução, biodiversidade, conservação e preservação para que tenhamos um conjunto de informações que possam ser trabalhadas sob o olhar científico do pesquisador.

Para Collot, não podemos falar da paisagem a não ser da sua percepção, pois encontramos nela três elementos essenciais: ‘a idéia de ponto de vista’, ‘a de parte’ e ‘a de unidade ou conjunto’. A paisagem, quando definida a partir do ponto de vista do qual é observada, supõe-se como atividade constituinte do sujeito e sua interpretação representa “uma reação contra a invasão de nosso meio ambiente por espaços concebidos ou construídos com um modelo geométrico, sem levar em conta o ponto de vista do indivíduo” (COLLOT, 1990, p. 22).

Por exemplo, houve um momento na história das cidades que as árvores plantadas em jardins deviam ser vistas de forma racional, encaixadas num cenário que o próprio homem criara e desenvolvera. Essas árvores eram podadas em formatos quadrados

ou retangulares e, assim, não era permitido nem a elas a expressão de sua forma natural, expressão de sua beleza singela – irregular e assimétrica. Não se enquadravam aos símbolos preexistentes e, como seres quase que inanimados, deveriam ser adaptadas ao meio, pelo homem e para o homem.

No processo de percepção visual da paisagem, nossa visão depende da localização em que estamos: se no chão, em um andar mais baixo ou mais alto de um edifício, num miradouro estratégico ou num avião, depende também “do quê, do como, do quando e do quanto se vê, variando por causa de deslocamentos físicos, frequências e luminosidade durante os diferentes períodos do dia” (EMÍDIO, 2006, p. 57). O homem constrói paisagens, as altera, modifica de acordo com suas necessidades e, ainda assim, através dessa sua relação com o ambiente, observa a paisagem e percebe apenas parte de uma área (COLLOT, 1990). Para o observador, a paisagem apresenta-se de forma fracionada, e a sua totalidade não pode ser visualizada simplesmente num golpe de olhar.

É como se a paisagem estivesse inserida no cotidiano das pessoas que as percebem, pois são elas, as pessoas, que as constroem, conferindo ao espaço significados ideológicos com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes. A pluralidade e a diversidade de interpretações acerca do entendimento do que seja a paisagem é que nos permite e impõe uma análise interdisciplinar da sua relação com o turismo. O homem tende a apreender partes isoladas da paisagem, isso se dá, segundo Collot (1990), pela circunscrição da paisagem dentro de uma linha, além da qual nada é visível, denominada horizonte externo, e também pela existência, no interior do campo delimitado, de partes não visíveis, denominada horizonte interno. Em contrapartida:

[...] ao mesmo tempo em que é uma construção espacial [...] na qual o homem participa e contribui coletivamente, a paisagem também proporciona visões de conjunto, cuja complexidade qualitativa e dimensional dificulta sua apreensão total. (EMÍDIO, 2006, p. 57-123)

A paisagem se apresenta para nós, de certa forma, como “[...] uma unidade de sentidos, ela fala a quem olha” (COLLOT, 1990, p. 24), exige moldura, ou seja, um enquadramento perceptivo que a prepara para tornar-se um painel; e é por não se deixar observar totalmente que apresenta uma estrutura pré-simbólica (COLLOT, 1990, p. 24) constituída de sentidos: o da visão, o da existência e o do inconsciente, tendo sua existência condicionada pela nossa capacidade em reter, reproduzir e distinguir elementos significativos (GOMES, 2001). Os estudos sobre paisagem, além de enfocarem as questões que dizem respeito à espacialidade e à estética, “também consideram, numa abordagem ambiental, os elementos funcionais e integrativos estabelecidos por meio das relações dos ecossistemas” (EMÍDIO, 2006, p. 55), contribuindo para que sejam coligadas as noções de desenvolvimento sustentável em seu tratamento paisagístico.

Para Holzer, a paisagem, juntamente com outros conceitos, como de 'ambiente' ou de 'ecossistema', por exemplo, ganhou as páginas da mídia e a boca dos cidadãos que se preocupam com seu bem-estar:

[...] diligenciando significados complexos que antes estavam restritos às conversas dos especialistas e agora passaram para o âmbito do varejo das redes mundiais de comunicação, onde os gostos, senão as atitudes culturais se reciclam rapidamente. (HOLZER, 1999, p. 149)

Com base nesse histórico, entendemos que são várias as abordagens para estudo da paisagem, desde as organicistas, as funcionalistas ou utilitárias e as culturais, ligadas a bases filosóficas distintas, evoluindo até as atuais concepções que conciliam interesses sociais e ecológicos numa visão de desenvolvimento sustentável (EMÍDIO, 2006). Percebemos nas paisagens um conjunto de elementos que compõem e configuram um lugar determinado e que têm estreita vinculação com a vida que nele se desenvolve. Suas relações formam sistemas ecológicos, sociais, políticos e econômicos com fatores predominantes e em constante processo de mutação, alterando sua função no decorrer do tempo. Por isso, também é nela que identificamos símbolos variados, de acordo com as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Assim, também são produzidas as paisagens turísticas. Elas são criadas, recriadas e adaptadas para atenderem às necessidades e expectativas da sociedade, dos homens que vivem em sociedade e, no caso do turismo, às necessidade e expectativas dos turistas, muitas vezes sem que a própria comunidade local participe desse processo ou o aceite em prol das garantias frequentemente mencionadas de crescimento econômico e de melhoria de sua qualidade de vida.

Segundo Gomes (2001), as apreciações do conceito de paisagem enquanto forma, conteúdo e narrativas literárias, artísticas e científicas denotam hierarquia e valores correspondentes a marcos históricos, em especial focalizando a civilização ocidental. O ocidente é nossa referência, fazendo-se presente como algo que devemos desejar por ser o melhor, por se fazer ser o melhor. Logo, alguns valores acabam por permear e justificar a produção de paisagens, para atender a parcelas importantes da demanda turística atual.

Testemunhos visuais de elementos estéticos e simbólicos construídos historicamente passam a ser as paisagens, quando esses elementos são identificados e apropriados pelo viajante, despertando um renovado interesse no lugar visitado e contribuindo para estabelecer uma valorização qualitativa (SILVA, 2004). No caso do turismo, procura-se estabelecer no lugar turístico identidades próprias, adotando temas específicos que possam ser reproduzidos no espaço urbano de forma a configurar uma paisagem coerente com a idéia de lazer vendida pelo mercado, contrapondo os lugares

turísticos aos lugares de trabalho, além da apropriação visual de panoramas, passando ainda pela reprodução de padrões de beleza e qualidade culturalmente estabelecidos.

Mas como delimitar as paisagens desses lugares? Como diferenciar a mesma imagem vista tanto por um turista quanto por um morador local, apenas por sua função paisagística? Emídio (2006) coloca que a paisagem não possui começo nem fim, sendo impossível representá-la em sua totalidade. Ora, já sabemos que ela é muito mais do que aquilo que a visão abarca num lance de vista, e é por isso que sentimos necessidade de restringir uma parte desse todo para determinarmos e caracterizarmos nosso objeto de trabalho. A isso podemos chamar de ‘recorte de paisagem’, quando nos referimos então a um instante captado e no qual se desenvolverá o estudo.

É preciso identificar nas paisagens as funções existentes associadas ao perfil dos usuários que determinam a qualidade e quantidade de intervenção no meio. Fato é que a paisagem é um “objeto de análise que pode se realizar sob o ponto de vista científico ou do campo visual e sensorial” (EMÍDIO, 2006, p. 64). Isto quer dizer que ela pode ser recortada para fins de análise com base na composição de seus elementos, definidos pela Geografia, e/ou pelo que é percebido com base nas relações entre os indivíduos e a natureza, definidos por outras ciências, por exemplo.

Para fins de desenvolvimento e crescimento, e todos os seus benefícios agregados, como qualidade de vida e bem estar social, tomando o pensamento de Luchiari (2001), o mesmo espírito conservacionista da sociedade que protegeu ecossistemas naturais também selecionou paisagens naturais para serem mercantilizadas e transformadas em novas territorialidades das elites urbanas e em paisagens turísticas, diferentes do entorno habitual. O acesso seletivo, através do turismo, às paisagens naturais preservadas e valorizadas (litorais, montanhas, florestas) ganhou atributo de distinção social e tem contribuído para o fortalecimento das desigualdades sócio-espaciais e também econômico-culturais.

Natureza e sociedade são indissociáveis, mas “na sociedade ocidental, a concepção de paisagem emergiu no mesmo período em que a ciência arquitetava a dicotomia entre sociedade e natureza” que contraditoriamente, ao separar-se da natureza, inventava e valorizava a própria concepção de paisagem. O processo de construção da paisagem por esse imaginário social configura-se na própria representação de práticas sociais que lhe dá novo conteúdo, o indivíduo transforma a paisagem em forma e aparência, *significante* e *significado*. “Os símbolos contidos nos objetos de uma paisagem são perigosos, pois não se revelam totalmente a um olhar pouco reflexivo, podendo escapar à apreensão da paisagem” (LUCHIARI, 2001. p. 12).

Mas, ao mesmo tempo em que as opiniões pessoais sejam desconsideradas, bem como os gostos e especulações derivados da imaginação sejam pouco reflexivos, o observador da paisagem é também aquele que descreve a realidade e traz consigo o contexto histórico em que vive e no qual toma suas decisões. O verdadeiro conteúdo da paisagem só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história (LUCHIARI, 2001). É a natureza como técnica e cultura, ou seja, da natureza à invenção da paisagem que ressurge como possibilidade de revisitação das práticas culturais e de campo de revelação das atitudes dos homens entre si. A maneira como a paisagem é projetada e construída revela, objetivamente, as tendências e os padrões que, com base em conceitos filosóficos vigentes, se manifestam a partir da observação do ambiente pelo homem. Essa posição de Emídio (2006) é assertiva, pois no processo de apropriação do meio, o homem agiu segundo os momentos históricos nos quais viveu.

Houve o momento *da descoberta*, quando a natureza era temida pelo homem, pois o olhar que tinha dela é que era dotada de poder divino e sobrenatural. Depois o momento *do meio da existência*, quando os condicionantes da natureza passaram a ser aceitos sem medo e o homem começou a não temê-la. Hoje, vivemos o momento *da transformação*, quando os condicionantes passaram a ser modificados, minimizados e/ou superados pelo homem, imprimindo modificações na paisagem que, de certa forma, distanciam o contato direto do homem com a natureza (CAMARGO, 2005).

O estudo de paisagens possui, assim, uma riqueza de possibilidades que não podem deixar de ser exploradas. “A simbologia da paisagem é analisada por meio de obras literárias, pintura, música e cinema, considerada sua representação a partir de diferentes grupos sociais”, a paisagem parece renovada para o novo milênio (MELO, 2001. p. 35).

As paisagens, então, não existiriam *a priori*, como um dado da natureza, mas somente em relação à sociedade. Adverso ao que muitas vezes prega o discurso ecológico, o que está no centro da questão não é a simples sobrevivência da paisagem natural, mas a própria produção e o consumo dessa paisagem, afinal “civilização e natureza agora são unos” (LUCHIARI, 2001, p. 22-23). A atividade turística permite e facilita o uso fugaz e intenso da paisagem como parte integrante do ideal de modernidade que considera o desenvolvimento como uma meta a ser atingida, medida e mediada pela produção de mercadorias (RODRIGUES, 2000). O meio ambiente não existe mais como realidade, segundo Luchiari (2001), ele dá sustentação conceitual a um projeto de politização do homem com a natureza por isso é preciso tomarmos a paisagem como inserção do homem no mundo.

A gestação de uma paisagem coletiva se encontra condicionada à capacidade de persuasão e de sensibilização cultural e evocativa do agente impulsionador que cunha e espelha sua representação em larga escala; bem como, entre outros fatores, “[...] da reelaboração da imagem como memória” (GOMES, 2001, p. 57). O turista leva, das suas viagens e visitas a lugares diferentes do seu entorno, as lembranças e as memórias desses lugares; ou seja, das paisagens que busca por se apresentarem a ele como agradáveis ou agradáveis, lhe permitindo desenvolver várias atividades de lazer em lugares que precisam ser renovados continuamente.

Por outro lado, os moradores de lugares turísticos também precisam se reconhecer nessa paisagem, que contém elementos e representações de sua cultura, mesmo que tenha uma percepção mais complexa do meio, ela só é expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, do conhecimento e do mito (TUAN, 1980). Gomes (2001) ainda conclui que aquilo que para o turista é uma experiência essencialmente estética, para o morador do lugar turístico é uma avaliação do próprio modo de vida.

Se entendermos as paisagens como 'fotografias' que refletem as combinações entre processos naturais e sociais em um espaço geográfico, no decorrer do tempo histórico (EGLER, 2002), entendemo-las também como registro de uma civilização, que mantém em seu âmago a aparência visível e perceptível do espaço geográfico, assumindo diferentes sentidos de existência e compreensão segundo as percepções e abordagens culturais de cada sociedade.

PAISAGEM E TURISMO

El paisaje no es estático, se modifica constantemente, se mueve, sea de corta o largo duración, sea colectiva o individualmente, sus formas de representación también cambian, en este aspecto, el turismo como un fenómeno sociocultural es un factor, que si bien no es el único, también lo modifica. (ROMÁN, 2006)

O turismo é uma atividade inter, trans e multidisciplinar, que apresenta um conjunto de facetas, organizadas ou não, no que podemos chamar de sistema turístico. O sistema turístico é composto por dois elementos essenciais à sua existência, a oferta e a demanda turísticas. A oferta turística é composta pelos atrativos turísticos, naturais e artificiais, e exercem nas pessoas certo grau de atratividade, motivando o deslocamento das mesmas para lugares fora do seu entorno habitual. Para isso, são necessários equipamentos e serviços turísticos como meios de hospedagem, alimentação, entretenimento, informação turística e também a infraestrutura de apoio turístico, como

transporte, comunicação, segurança e atendimento médico-hospitalar. Já a demanda turística é composta pelos consumidores, pessoas que efetivamente viajam e/ou aquelas que não viajam, mas que têm potencial para viajar e consumir o produto turístico.

Esses aspectos característicos do turismo (oferta e demanda) acontecem num espaço movimentado pela sociedade e pela produção, ocasionando efeitos ou impactos nos lugares e, por conseguinte, em suas paisagens. As cidades brasileiras consideradas turísticas, ou seja, que possuem sua base econômica no turismo enfrentam, segundo Silva (2004), o paradoxo de conservarem belas paisagens e verem esse mesmo recurso dilapidado pela atividade turística.

Segundo Santos (1997), há uma adequação da sociedade – sempre em movimento – à paisagem e podemos dizer também, aos efeitos da atividade turística. O turismo cria paisagens, por ser um setor produtivo possuidor de certa durabilidade, ligadas ao processo direto da produção, circulação, distribuição e consumo. Para o turismo, os lugares de desfrute do lazer e do ócio são produtos de uma mescla entre natureza e cultura, com aspectos visuais particulares e significativos para a composição de imagens suficientemente atraentes para induzir o consumo. Uma reflexão mais sistemática quanto aos aspectos culturais, sociais, políticos e ambientais do turismo se faz necessária para Rodrigues (2000), pois:

[...] analisar a atividade turística permite compreender a paisagem e o ambiente no contexto do uso fugaz do território, o que propicia a compreensão dos espaços produzidos para 'consumir natureza, paisagem', num tempo curto para indivíduos – alguns dias por ano -, e num tempo longo para atividade turística. (RODRIGUES, 2000, p. 172)

Seja a curto ou longo prazo, a produção e o consumo da atividade turística acontecem de forma simultânea, trazendo consigo efeitos, tanto positivos quanto negativos, que influenciam os aspectos da vida cotidiana dos destinos, dos moradores locais e também dos turistas que os visitam. Os lugares turísticos são como cenários produzidos sobre uma base paisagística preexistente que, associada a aspectos culturais, históricos e geográficos constituem a matéria para o processo contínuo de produção e consumo (SILVA, 2004). Isto quer dizer que no turismo, as paisagens assumem posição e cenário de grande valor, são o resultado da relação entre a sociedade e a natureza, ao mesmo tempo matéria prima do turismo e também seu produto, podendo ser beneficiadas ou impactadas por ele graças às ações que as protegem e transformam.

Se o espaço é o “resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais” e a paisagem é a “materialização de um instante da sociedade”, é nesse “domínio do visível” (SANTOS, 1997, p. 71-72-61) que percebemos as interferências do homem sobre eles, principalmente por meio da visão.

Identificamos também odores agradáveis, conhecidos, estranhos, fortes, suaves, naturais e artificiais (olfato). Distinguimos diferentes sabores (paladar) e diferenciamos os vários tipos de sons captados no seu entorno (audição). Sentimos as diferentes características dos objetos e seres por meio do toque (tato). Mas é por meio da visão que estabelecemos a maior parte de nosso contato com a paisagem.

Por isso, “a publicidade elaborada para o turismo faz da paisagem o objeto de consumo e define a atividade em si: faz-se turismo para viajar, para ter novas experiências, para encontrar pessoas, mas para, sobretudo, ver” (SILVA, 2004, p. 21-22). Na percepção da paisagem em locais turísticos:

[...] além das fantasias e das funções cognitivas presas ao exótico, o turismo representa uma via de inserção na realidade do outro, de grande potencial pacifista e integrador, que na maioria das vezes, termina por ser banalizada pela mercantilização. (RIBEIRO & BARROS, 1997, p. 40)

A paisagem, sendo um componente essencial para o desenvolvimento do turismo, é transformada segundo critérios formais e estéticos direcionados a compor cenários elaborados (ou não) sobre qualidades naturais e culturais intrínsecas das localidades, qualidades que, por sua vez, são interligadas no processo de veiculação de uma determinada imagem (SILVA, 2004). O processo de mercantilização dos atrativos turísticos e da própria construção do produto turístico tem levado a alterações e muitas vezes destruição das manifestações populares e tradicionais dos destinos, adequando-as, reduzindo-as, tornando-as mais coloridas, mais dramáticas e mais espetaculares, para atender aos gostos e expectativas da demanda e em prol de saldos positivos nas transações e negociações.

O significado econômico do turismo, muitas vezes, é superestimado e apresentado como principal força motriz e vantagem decorrente do desenvolvimento da atividade. Assim como afirma, Cooper (2007), o turismo é o maior setor prestador de serviços e, como tal, tem sido parcialmente responsável pelo crescimento da economia em inúmeros locais. Configuram-se paisagens coerentes com a idéia de lazer. Isto quer dizer que os aspectos visuais ou paisagísticos diferenciam os lugares de trabalho dos lugares de lazer, “existe toda uma engrenagem de negócios – a chamada indústria turística – movimentada para estabelecer diferenças visuais entre um lugar e outro” (SILVA, 2004, p. 27).

O crescimento da atividade turística representa a inevitável modificação da paisagem para que a atividade se desenvolva, “seja para facilitar o turismo, seja através do processo de produção do turismo” (COOPER, 2007, p. 210), alterando quantitativa e qualitativamente os recursos naturais e culturais. A escolha e admiração dos lugares

turísticos pelos turistas, geralmente se dão por suas paisagens, testemunhos visuais de elementos estéticos e simbólicos construídos historicamente. Quando percebida pelos turistas, a paisagem desperta um renovado interesse no lugar visitado e contribui para esclarecer uma valorização qualitativa (SILVA, 2004).

O turismo tem condições de estimular uma nova atitude para com a paisagem, pois esta é uma categoria que pertence a toda sociedade. Contudo, a velocidade e a natureza do processo de desenvolvimento do turismo têm grande influência nas mudanças socioculturais, ambientais e econômicas de um lugar e de suas paisagens, mudanças que chamamos de impactos, manifestados através de uma gama enorme de aspectos, desde as artes e o artesanato até o comportamento de grupos e indivíduos; desde os recursos naturais até a sua utilização como atrativos turísticos; desde o ingresso de divisas e sua distribuição até as implicações na qualidade de vida.

As paisagens turísticas então, geralmente são associações de elementos naturais (clima, vegetação e formas de relevo) e de elementos culturais (festas populares, museus, arquitetura e monumentos públicos) acrescidos de apelo e valor econômicos. O crescente aumento da demanda do mercado turístico é um dos fatores responsáveis pela produção e pelo consumo dessas paisagens, o que significa uma alteração do próprio espaço geográfico onde estão inseridas.

Tais impactos provocam no espaço mudanças consideradas positivas e/ou negativas, como a conservação dos recursos culturais e/ou a falsa identidade; a conservação dos recursos naturais e/ou a depreciação da paisagem com o desenvolvimento arquitetônico não integrado; o surgimento de novas áreas de lazer, atividades culturais e zonas comerciais e/ou o aumento dos serviços públicos. Segundo Silva, (2004), o turismo como atividade organizada no mundo contemporâneo, tornou a natureza, de certa forma, mais 'domesticada', permitindo às pessoas comuns, não apenas aos aventureiros e exploradores ricos, o desfrute de paisagens com o conforto de uma viagem planejada e sem riscos. Isso exige um esforço constante de concepção, adaptação e construção de novos espaços e implica uma transformação mais ou menos radical da paisagem existente.

Para a autora, "a percepção do ambiente é mais aguçada quando se trata de um lugar turístico, onde a paisagem é um fator de atração", entretanto "a paisagem turística é, antes de tudo, uma paisagem com turistas" e os turistas são "devoradores de paisagens" (SILVA, 2004, p. 32-185-34). Embora criada artificialmente e/ou modificada pelo turismo, a paisagem também poderá materializar os princípios da sustentabilidade. Isso dependerá, em cada caso, das práticas desenvolvidas no plano espacial e que, invariavelmente, se manifestam por meio da paisagem:

[...] para garantir a satisfação das necessidades básicas da população, a solidariedade para com as gerações futuras, a participação da população envolvida, a preservação dos recursos naturais e culturais. (MENDES, 2007, p. 1)

Com base em Claval (1997), podemos dizer que a paisagem e o turismo estão associados às experiências que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, à maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações, para construir sua identidade e se realizar. Porém, essas experiências estão recheadas de elementos socioculturais, ambientais e econômicos, às vezes integrados, às vezes antagônicos, cuja combinação se reflete nas paisagens.

Sob a percepção contemporânea do homem, esse processo e os frutos de sua produção tornam-se capazes de oportunizar a compreensão do turismo como fenômeno construtor/desconstrutor de paisagens. Se, segundo Hoffman (2000), construir é a essência da visão, podemos dizer que desconstruí-la também o é, sendo que a visão é a essência da percepção.

Essa expressão da subjetividade, daquele que percebe a paisagem vivida, é instituída numa categoria de análise que engloba elementos naturais e humanos, que nos fornecerá informações valiosas e transversais, caracterizando a importância do diálogo interdisciplinar sobre os termos espaço, paisagem, percepção e turismo.

Isto quer dizer que a expressão da subjetividade daquele que percebe a paisagem vivida cotidianamente, constituída numa categoria interdisciplinar de análise, ou num recorte, que engloba tanto elementos naturais quanto socioculturais e econômicos, nos fornece informações valiosas e transversais sobre a própria paisagem e sobre os efeitos do turismo na mesma. Perceber a paisagem é transcender o caráter inter e multidisciplinar da sua subjetividade, indo ao encontro de uma linguagem que almeja ser transdisciplinar na sua descrição, observação e percepção.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo desenvolve-se em meio a sociedades que estão em constante movimento e transformação; seja pela ação do tempo, da natureza e/ou do próprio homem. As mudanças, que esse movimento causa, são estampadas nas paisagens que se vê à nossa volta, e em outras que não estão ao alcance dos olhos naquele momento.

Localmente, é possível perceber de forma mais clara a íntima, multi e inter-relação do turismo com o meio onde ele se desenvolve. Nesse meio, tanto natural quanto

construído, ele não acontece por si só, o homem é seu agente planejador, desenvolvedor e desencadeador, é o cidadão que vive em comunidade, em sociedade.

Estando a sociedade sempre em movimento e relacionando-se com as paisagens, o conhecimento da percepção do homem sobre essas, que são utilizadas para fins turísticos, demonstra ser relevante para o desenvolvimento da atividade, quiçá para o desenvolvimento segundo princípios norteadores da sustentabilidade.

O tema abordado nesse ensaio revela seu caráter interdisciplinar. Foram colocados lado a lado conceitos como espaço, paisagem, percepção e turismo, na tentativa de um diálogo recíproco entre os mesmos, de romper com o cunho aparentemente estanque de cada um e de apreender o que por, entre e através deles se daria a pensar a relação entre os indivíduos e o que eles percebem à sua volta.

No processo de escolha de categorias de análise para estudos de campo em turismo precisa-se, necessariamente, estar aberto a ir além das disciplinas, tratando-se, pois, de uma abordagem transdisciplinar. Não só a discutir a inter relação entre as mesmas, pois isso já é fato, mas os possíveis diálogos e linguagens que permitam a qualquer ciência, compreender o que se quer dizer, o que se quer realizar.

As paisagens 'falam por si só', mas quem as interpreta e procura dar sentido é o homem. Espaço, paisagem, percepção e turismo são categorias de análise criadas pelo e para o homem compreender, usar e usufruir do que está à sua volta. Aquilo que está ao mesmo tempo entre, através e além de qualquer disciplina ou categoria permite uma interface dinâmica de análise das interferências que o homem imprime em seu meio.

O turismo é interdisciplinar por natureza, deve ser analisado, então, com base em uma abordagem transcêntrica, que não considere somente os aspectos econômicos, sociais e ambientais de forma isolada e hegemônica, mas de forma crítica, reflexiva, conjunta e não homogeneizante.

Considera-se que é preciso um caminhar com olhar transcêntrico, além dos tomadores de decisão. Um perceber que a noção/compreensão do todo nem sempre se dá pela soma de suas partes, mas com o dar a volta em torno de um mesmo eixo e observar a paisagem como que numa moldura plástica, contínua e em constante transformação.

É exequível percebermos mais claramente as relações entre o turismo e o meio ambiente, é no ambiente construído e natural que a atividade é desenvolvida e, no entanto, ela não acontece por si só, seu agente desencadeador é o homem.

Nossas conclusões revelam, desse modo, o caráter interdisciplinar/transdisciplinar do tema abordado. Cada termo contribuiu efetivamente para

ampliar e estimular a reflexão, apreensão e conhecimento acerca da importância e necessidade de nos pensarmos enquanto ser no mundo e no quanto podemos ainda transcender e realizar diálogos que sejam apreciados em conjunto, unos em sua diversidade e sustentáveis em sua existência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. M. A. de; RIGOLIN, T. B. **Fronteiras da Globalização: geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.
- BLEY, L. A Paisagem Geográfica e a Pintura da Paisagem em Morretes. *In: ANAIS. FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE*, 4, **Anais...** Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006.
- CAMARGO, M. da C. R. de. **Aplicação de Indicadores Perceptivos para Análise das Paisagens Cênicas do Trajeto entre o Distrito de Taquaruçu e Palmas/TO**. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2005.
- CASTELLO, L. A Percepção em Análises Ambientais: o projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. *In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. Percepção Ambiental: a experiência Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- CLAVAL, P. As Abordagens da Geografia Cultural. *In: CASTRO, E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v.20, n. 39, 1990.
- COOPER, C. **Turismo: princípios e práticas**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- DOMÍNGUEZ, A. Q.; RUSSO, A. P. Paisajes Urbanos en la Época Post-Turística. Propuesta de un Marco Analítico. **Scripta Nova** [En línea]. Barcelona, v. XIV, n. 323, 2010. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-323.htm>> Acesso em 27 jul 2010.
- EGLER, C. A. G. Território/Territory. **Brasil em Números** (Edição em Inglês. Impresso), v. 10, p. 45-62, 2002.
- EMÍDIO, T. **Meio Ambiente & Paisagem**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.
- FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7 ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- GOMES, E. T. A. Natureza e Cultura: representações na paisagem. *In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). Manifestação da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001 (Série Geografia Cultural).
- HOFFMAN, D. D. **Inteligência Visual: como criamos o que vemos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- HOLZER, W. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. *In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). Manifestação da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999 (Série Geografia Cultural).
- LEITE, M. A. F. P. A Paisagem, a Natureza e a Natureza das Atitudes do Homem. *In: MACEDO, S. S. (org.). Paisagem e Ambiente*. São Paulo: FAU-USP, 1992 (Coleção Ensaio, v.4).

LUCHIARI, M. T. D. P. A. (Re) Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestação da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001 (Série Geografia Cultural).

MELO, V. M. Paisagem e Simbolismo. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestação da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001 (Série Geografia Cultural).

MILAGRES, V. R. **Paisagem e Efeitos do Turismo**: uma abordagem perceptiva com os moradores do Distrito Taquaruçu, Palmas (TO). 2009. 165 f.. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2009.

MILAGRES, V. R. Percepção das Paisagens do Distrito Taquaruçu: ouvindo a comunidade local sobre a representatividade, agradabilidade e desagradabilidade de suas paisagens. **Revista Ateliê Geográfico**, v.3, n.8, dez 2009, p. 130-151. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/8599/6097>> Acesso em 03 mai 2010.

MILAGRES, V. R.; SANTOS, E. M.; SOUZA, L. B. Percepção Ambiental no Distrito de Taquaruçu, Município de Palmas (TO): a relação dos moradores com as transformações da paisagem ao longo da história local. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, 2010, p.1-14.

NUCCI, J. C. **Caminhos do Futuro**: ecoturismo. São Paulo: IPSIS, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano**. Rio de Janeiro, 1972. Disponível em: <http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/ceama/material/legislacoes/declaracao_estocolmo_meio_ambiente_humano_1972.pdf>. Acesso em 25 de março de 2013.

RIBEIRO, G. L.; BARROS, F. L. de. A Corrida por Paisagens Autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. *In*: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. (org.). **Viagens à Natureza**: turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento Sustentável e Atividade Turística. *In*: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (org.). **Olhares Contemporâneos sobre o Turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

ROMÁN, G. M. *La Participación del Turismo en la Modificación del Paisaje Cultural de Malinalco, Estado de México*. **PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. v. 4, n. 2. Cidade do México, 2006. p. 201-211. Disponível em <<http://www.pasosonline.org/Publicados/4206/PS060206.pdf>> Acesso em: 1 jan. 2010.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, M. **Espaço & Método**. 3 ed. São Paulo: NOBEL, 1992.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SILVA, M. G. L. da. **Cidades Turísticas**: identidades e cenários de lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MILAGRES, Vanesa Rios; SOUZA, Lucas Barbosa e. Ensaio sobre a paisagem e o turismo: uma viagem além das disciplinas. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 037-063, jan./abr. 2012. URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

EDITOR DE SEÇÃO:

Edison Archela.

TRAMITAÇÃO DO ARTIGO:

✓ Recebido em 09/08/2011.

✓ Aceito para publicação em 25/03/2013.

